

SARLO, B. Tempo passado. Cultura da Memória e Guinada Subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOARES, E. L. R. *Mãe Baratinha, a Filha de Oxum*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Cultura, Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

SOUZA, E, C. *Entrevista Narrativa e Pesquisa (Auto)Biográfica: Trajetórias e Percursos de Formação de Educadores Baiano*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VASCOCELOS, J. G. *Esquecimento e Sonhos dos Militantes de Esquerda nos Cárceres Políticos no Brasil*. In: SANTANA, J.R. VASCONCELOS, J.G (Orgs.). *Tempo Espaço e Memória da Educação: Pressupostos Teóricos, Metodológicos e Seus Objetos de Estudo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VASCONCELOS, José Gerardo; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MACHADO, Charliton José dos Santos. *O Barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

VERNADSKY, V. I. *La biosfera y La noosfera*. V. 33. USA: American Scientist, 1945.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1987.

O ESCOLANOVISMO DE JOÃO CRAVEIRO COSTA

Iane Campos Martins

É aluna do mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde desenvolve a pesquisa intitulada: Positivismo e Escolanovismo: uma leitura sobre a obra educacional de Craveiro Costa.
E-mail: ianecampos@hotmail.com.

Elione Maria Nogueira Diógenes

Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFAL. Orientadora do trabalho: Positivismo e Escolanovismo: uma leitura sobre a obra educacional de Craveiro Costa.
E-mail: elionend@uol.com.br.

Desenhando o Contorno do Tema

Pode-se entender como intelectual o sujeito que detém um vasto conhecimento sobre esse ou aquele aspecto da totalidade social e que expressa isso através da cultura letrada. É possível compreender também como alguém que tentou influenciar de uma forma ou de outra os rumos e rotas sociais, políticas educacionais de uma dada sociedade. Assim, é que se compreende neste trabalho a relevância de João Craveiro Costa (1871-1934) nascido em terras alagoanas. De origem humilde, precisou trabalhar desde cedo devido a perda precoce do pai (quando tinha apenas dez anos de idade). Conforme Silveira (1983, p.35) “Não faria o curso secundário, não

podendo ingressar numa academia, lugar frequentado pelos filhos dos doutores ou “coronéis”, ricos senhores das terras”. Exerceu inúmeras funções como: caixeiro-servente, guarda-livros, contador, jornalista, historiador, Inspetor de Instrução Pública, diretor escolar e funcionário público. Isaac Melo no blog Alma Acreana¹ reconhece a importância do trabalho desenvolvido por Craveiro no Acre: “Da educação, no Acre antigo, muito se ocupou o alagoano”.

O intelectual em tela publicou suas ideias em vários jornais alagoanos como: o Gutemberg, o Jornal de Alagoas, o Correio Mercantil, a República, o Quinze de Novembro e o Correio de Alagoas. Escreveu vários livros de História, “O fim da Epopeia” (1924) com reedição em 1973 com o título “A Conquista do Deserto Ocidental” e “História das Alagoas” (1928). Escreveu também um livro biográfico: “O Visconde de Sinimbu — Sua Vida e Sua Atuação na Política Nacional (1840-1889)”, publicada em 1937 pela Companhia Editora Nacional. Em comemoração ao 1º Centenário da elevação de Maceió à cidade e capital das Alagoas em 1939, foi publicado o livro “Maceió” pela Livraria Olympio Editora. No campo educacional sua maior obra foi “Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas” (1931)², que acabou se tornando uma

¹ <<http://almaacreana.blogspot.com>> . Acesso em 02 de maio de 2012.

² Foi publicada pela primeira vez em 1931, sendo reeditada em 2011, após trabalho de recuperação e digitalização feita pelo grupo de pesquisa “Caminhos da Educação em Alagoas”. Tal reedição inclui em sua segunda parte uma reportagem jornalística e 15 artigos publicados pela Revista de Ensino, da qual foi diretor e publicou artigos que demonstram claramente sua face como educador, destinada à formação continuada de professores e professoras de Alagoas entre os anos 1927 a 1931.

das maiores referências para os estudiosos da educação em Alagoas.

Maciel (2011, p. 19) o descreve “como um pedagogo experimentado”. Para Verçosa e Madeira (2011, p. 11): “Craveiro transformou o que poderia ser uma escrita de cunho meramente burocrático, num texto agradável e de alcance maior do que o pretendido pela encomenda”. Outra contribuição do autor para a educação alagoana foram os escritos publicados na Revista de Ensino (1927-1931), na qual se pronunciou sobre vários assuntos pedagógicos, alguns deles são aqui analisados. Para Craveiro o papel da escola refere-se a: “preparar o homem e formar o cidadão — o homem capaz de produzir, capaz de se colocar eficientemente na vida, útil a si mesmo e ao seu país; o cidadão com uma noção exata da pátria, consciente dos seus direitos e dos seus deveres.” (COSTA, 2011, p.130). Em certo contexto a que se considerar duas questões na tese do autor: 1) a utilidade social da educação no que toca à perspectiva econômica, e, 2) a função moral e civilizatória dessa. Ao se ler Craveiro Costa a impressão que se tem indica: há em todo seu percurso intelectual um comprometimento com a política educacional enquanto projeto societário.

Ao tecer inúmeras críticas sobre a situação da educação no referido estado, indicando a urgência de reformas no ensino, percebe-se que a teoria da Escola Nova (1932) exerceu influência em seus escritos ao destacar a necessidade da relação entre os conteúdos e o contexto de vida dos alunos.

O autor se opunha ao ensino baseado só em aspectos mnemônicos e livrescos que servia apenas para formar os fi-

lhos das elites agrárias com pretensões de frequentar os cursos de bacharelado tão cobiçados à época ou para fazer carreira política ou mesmo se preparar para assumir os cargos públicos na administração do estado. Para elucidar a respeito de sua concepção sobre a organização da escola vejamos o que escreveu:

A escola, assim orientada, formava, quando muito, o embrião de um doutor, de um padre ou de um funcionário público, do filho ditoso de Pais abastados que podia prosseguir nos seus estudos. Do menino pobre, condenado a procurar, ele próprio, mal saído da infância, os meios de subsistência, nada fazia, porque, na realidade, não criava um indivíduo verdadeiramente apto à utilidade e à nobreza da vida. (COSTA, 2011, p.129).

Ao constatar que o ensino aplicado durante os anos de 1920 e 1930, não atendia aos anseios dos menos favorecidos nos permite relacionar tal concepção com os projetos educacionais reformistas propostos pela Escola Nova que via a escola não apenas como meros locais de transmissão de conhecimentos. Para análise dos indícios escolavistas em Craveiro Costa também serão utilizados alguns artigos que foram publicados na Revista de Ensino quando foi diretor da mesma entre os anos de 1927-1931.

O Escolanovismo no Brasil

Antes de fazer análise dos indícios escolanovistas presentes nos escritos de Craveiro Costa, faremos um breve estu-

do sobre tal concepção pedagógica levando em consideração o momento histórico em que se instalou no Brasil. Veiga (2007, p. 217) auxilia a contextualizar tal período.

Desde a última década do século XIX, os movimentos de renovação da pedagogia e da prática escolar estiveram sintonizados com as novas dinâmicas da sociedade: o desenvolvimento das ciências e de novas tecnologias, a extensão do modo de vida urbano, o trabalho industrial, as novas profissões, a consolidação do capitalismo, a heterogeneidade social.

Essas mudanças foram retratadas por Craveiro Costa quando o mesmo escreve sobre a educação em Alagoas, o que a princípio demonstra uma sintonia de seu pensamento com as transformações sofridas no âmbito geral da sociedade brasileira em decorrência dos fatos mencionados acima. Sua argumentação é contrária aos métodos considerados tradicionais que levava em consideração apenas aspectos teóricos sem despertar grande atenção dos alunos para os estudos.

A Escola Nova propôs maior atenção aos processos de aprendizagem do que aos produtos/conteúdos até então valorizados, fazendo assim clara oposição e crítica ao tradicionalismo pedagógico, que até então era hegemônico e marcado por uma cultura educacional que os escolanovistas acusaram de verbalista e enciclopédica. O escolanovismo foi animado por experiências e descobertas na área de educação ocorridas nos Estados Unidos da América, sobretudo graças ao trabalho do filósofo John Dewey, que entendia que o processo educativo formal precisava ter finalidade prática, preparando os indivíduos para agirem concretamente na sociedade. (SILVA, 2004, p. 1-2).

Vale ressaltar que a década de vinte foi permeada pela tentativa de implantação de reformas com tendências escolanovistas em vários estados brasileiros. O próprio ministro do recém-criado Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos foi responsável pela introdução dos princípios da Escola Nova em Minas Gerais. No biênio de 1927-1928, quando foi secretário dos Negócios do Interior do referido estado: “enviou professores ao *Teachers College* da Universidade de Chicago e trouxe mestres estrangeiros para ensinar de acordo com os parâmetros da Escola Nova” (VEI-GA, 2007, p. 257).

Entre os pioneiros do movimento escolanovista destacam-se: Lourenço Filho que foi diretor de Instrução Pública no Ceará (1922), Anísio Teixeira, responsável pela reforma educacional na Bahia quando assumiu o cargo de diretor de Instrução Pública em 1924 e como defensor de uma “educação integral”, “combatia a educação baseada unicamente nos livros, era favorável à associação entre o conhecimento intelectual e o mundo do trabalho e foi um dos principais divulgadores das idéias de John Dewey no Brasil” (ibid., p. 256). No Rio de Janeiro Fernando de Azevedo implantou as reformas entre os anos de 1927 e 1930. Antônio Carneiro Leão foi o “[...] responsável pela reforma do ensino em Pernambuco, a partir de 1928” (ibid.).

A obra de Lourenço Filho “Introdução ao Estudo da Escola Nova” (1930), se tornou uma referência para divulgação da perspectiva escolanovista em português. O autor transcreveu os pontos para identificação das “escolas novas”

estabelecidos em reunião realizada em Calais no ano de 1919, pelo *Bureau International des Écoles Nouvelles*, fundado por *Adolfe Ferrière*, que serviram de base para os estudiosos e adeptos da corrente no Brasil. Lourenço Filho ao descrever a Escola Nova afirma que “não se refere a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 58).

Os Ideais Escolanovistas nos Escritos de Craveiro Costa

Craveiro Costa foi um grande estudioso dos problemas educacionais alagoanos. Santos e Diógenes (2010, p. 1) enfatizam que “Hoje os estudos acerca da educação alagoana perpassam pelas obras deste autor”. Antes desses estudiosos Silveira (1983, p. 51) afirmava que “De 1931 para cá quem escreveu a respeito dos problemas educacionais de Alagoas, teve que se amparar em Craveiro Costa. Quem não o fez ou não pesquisou, ou por vaidade não quis citar o mestre”. Isto depreende que o estudioso em voga é referencia inestimável para a história da educação alagoana do século XX em diante. E mais: a afirmação de Silveira dá uma dimensão da importância da obra: “Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas” para os estudiosos da história da educação alagoana, pois retratou a respeito da situação da educação e cultura em Alagoas com informações e estatísticas sobre o ensino desde o período colonial até 1930.

Para análise da obra educacional do autor e dos indícios escolanovistas, vamos nos reportar também, aos artigos

publicados na Revista de Ensino, em que Craveiro escreveu sobre inúmeros assuntos educacionais como a prática docente, o magistério feminino, o processo de avaliação, a educação moderna, a escola no meio rural, o ensino profissional, a participação dos pais na obra educativa da escola entre outros. Em tais artigos, o mencionado autor deixa transparecer influências das novas concepções de educação que estavam em discussão naquele momento no cenário brasileiro.

Ao analisar o quadro de mudanças e reformas implantadas em vários estados brasileiros e considerando o fato de Craveiro Costa assumir a direção da Revista de Ensino em 1927, não podemos deixar de relacionar o início das publicações do periódico alagoano à revista “Educação” em São Paulo que publicava sistematicamente desde 1927, passando a ser dirigida por Lourenço Filho em 1930 com o título de “Escola Nova”. Uma análise dos periódicos educacionais como reflexo das discussões sobre a implantação do novo projeto educacional foi feito por Mate (2002, p. 80) para a qual o diálogo com as

[...] revistas de educação levou-nos a descobrir certo continuum em relação aos projetos pedagógicos que vinham desde os anos 20 esquadrinhando os espaços educacionais e fabricando outras formas para seu funcionamento.

Segundo a autora após realizar a Reforma de Ensino no Ceará e o desenvolvimento dos estudos na área da Psicologia da Educação “acabam resultando na publicação de seu livro Introdução ao Estudo da Escola Nova em 1930” (Ibid., p. 88).

Trazendo para a realidade alagoana o debate proposto por Mate (2002): com relação a veiculação da Revista de Ensino entre 1927 a 1931 (período em que Craveiro esteve à frente como diretor) significou um reflexo das influências sofridas pelo autor no campo educacional, à luz dos debates produzidos á época, especialmente dos ideais escolanovistas.

Ao estudar os escritos da Associação Brasileira de Educação e as reformas pedagógicas na Escola Primária e Normal das décadas de 20 e 30 do século XX é possível relacionar essas propostas de mudanças ao momento histórico vivenciado por Craveiro principalmente quando começa a escrever para a Revista de Ensino em 1927: “Tais reformas integraram o contexto político de crise das oligarquias e que culminou na Revolução de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder” (VEIGA, 2007, p. 254) quando as elites agrárias tradicionais cederam lugar à nascente burguesia industrial e a classe média que se formou a partir do crescimento da vida urbana, possibilitando uma série de mudanças no âmbito político, social e educacional para atender às novas exigências da sociedade.

No cenário local Craveiro vivenciou as constantes disputas pelo poder entre os grupos políticos alagoanos nas primeiras décadas do século XX, com destaque para o domínio exercido pela oligarquia Malta entre os anos de 1900 até 1912 quando é eleito Clodoaldo da Fonseca. “Assumindo o Governo do Estado em 1913, Clodoaldo da Fonseca constituirá um grupo que, com alguns arranjos, terá o controle do poder político até 1930” (VERÇOSA, 2006, p. 109).

O governador Fernandes Lima que assume o poder em 1918, foi reeleito e permaneceu no cargo até 1924, acenou para a necessidade de uma reforma urgente do sistema educacional alagoano:

[...] no período que vem desde a queda da oligarquia Malta, temos ainda uma situação tão precária que faz com que Fernandes Lima, ainda em sua mensagem de 1922, afirmar que “instrução pública, entre nós, está a precisar de inadiável reforma (Ibid., p.115).

Influenciado pelo clima de reforma educacional presente na década de 1920 os escritos de Craveiro Costa são permeados por indícios escolanovistas, principalmente quando escreve para a Revista de Ensino (1927-1931), em que se posicionou a respeito da função que a escola deve exercer na vida do aluno.

No ensaio intitulado: “A Escola Moderna” Craveiro reconhece os avanços alcançados pela escola em relação ao seu papel frente à sociedade, mas ao mesmo tempo, constata que “a escola conserva aquela detestável organização e aquela errônea finalidade da escola dos de minha geração”, (COSTA, 2011, p. 129). Critica também o excesso de memorização cobrado:

Desde o silabar monotonamente contado as fatigantes regras gramaticais; desde os pesados exercícios aritméticos que tinham como ponto de partida e decoração da tabuada, à subtração martirizante das quatro operações sem o cultivo do raciocínio pela pesquisa da solução dos problemas, com aplicação às necessidades práticas da vida. (Ibid.).

É notória a preocupação demonstrada pelo autor em relação ao papel que a escola deve exercer na vida do aluno devendo prepará-lo para a vida prática, ou seja, para o campo profissional. A formação dos professores também foi uma preocupação demonstrada pelo autor. Segundo Albuquerque & Madeira (2011, p. 2).

No artigo sobre a “Escola Moderna” observa-se a tentativa de trazer aos professores uma nova visão acerca da escola criticando e problematizando o ensino abstracionista, baseado somente na ministração de conhecimentos elementares e mnemônicos, destacando assim a necessidade da aplicação às necessidades práticas da vida e ao mundo do trabalho.

O filósofo e educador norte-americano John Dewey no livro “Democracia e Educação” defende que: “O papel do educador na empresa da educação é proporcionar o ambiente que provoque reações ou “respostas” e dirija o curso do educando”. (DEWEY, 1959, p. 199). Nesse sentido cabe ao professor não apenas a função de transmitir os conteúdos, mas proporcionar ao aluno maior participação no processo de aprendizagem exercendo um papel mais ativo.

Craveiro em seus escritos demonstra uma preocupação com a formação para o trabalho do homem simples do campo e da classe trabalhadora urbana como ficou demonstrado no artigo “Escola Isolada”, publicado pela Revista de Ensino em 1927. “A educação popular ainda não tomou a orientação do ensino profissional (COSTA, 2011, p. 165). O intelectual ressalta a necessidade do estado em ofertar uma educação para a vida útil porque “só é realmente rico o país que se basta a si

mesmo, isto é, que produz para as suas necessidades internas e supre em escala abundante as carências mundiais do consumo de utilidades”. (Ibid.). Portanto o autor acredita que a educação seja um dos caminhos para o Brasil alcançar o progresso tão almejado pelo projeto republicano em curso.

Em matéria publicada no Jornal de Alagoas que menciona o discurso proferido por Antônio Carneiro Leão quando este assume o cargo de diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, fica demonstrado que os projetos educacionais da década de 20 propõem uma nova concepção de educação para o país indicando a necessidade de um ensino mais voltado para a educação popular.

Por ter faltado á maioria dos nossos dirigentes a preocupação pela eficiência real e crescente da educação popular. Objecto de continuas reformas sem um plano determinado, sem uma directriz scientifica, sem visar o benefício da educação do povo, não raro os reformadores pertubaram o ensino ao envez de melhorarem. O valor da educação está muito menos na questão dos programas, no número e importância dos regulamentos e decretos do que na effiecia do educador. (JORNAL DE ALAGOAS, 1923).

O discurso do pernambucano Carneiro Leão vem ao encontro dos anseios de Craveiro quanto a educação popular em Alagoas quando este diz que “o grande problema do Brasil é o da educação popular, despejada de noções abstratas, rumanando a inteligência nacional às fontes imensas da produção e da riqueza” (Ibid., p. 169). O discurso também enfatiza que ape-

sar de todas as reformas para melhorar a educação de nada adianta sem o empenho do professor. Craveiro ao se referir à carreira do magistério destaca alguns aspectos indispensáveis a quem exerce tal função e enumera o que é indispensável para ser um bom professor. “Se há carreira que exija devotamento, abnegação e entusiasmo, a do professor primário está acima de todas. E sem essas condições nada se fará de útil no sentido da orientação moderna da escola” (COSTA, 2011, p. 132). A respeito da formação dos professores em Alagoas vale ressaltar que a Escola Normal de Maceió foi “criada pela resolução 424, de 18 de julho de 1864” (VILELA, 1982, p. 63), mas só foi instalada em 1869.

Segundo Martins (2011, p. 3-4), Costa (1927) em ensaio publicado na Revista de Ensino, intitulado “Ensino de História Pátria”, “faz uma crítica à concepção de ensino nos moldes tradicionais em que a história está associada ao estudo do passado, dos acontecimentos e fatos que marcaram as gerações passadas e como esses conteúdos são trabalhados com os alunos das séries iniciais”. Em tal artigo Craveiro propõe uma renovação dos programas de História que ainda seguem a orientação expositiva dos compêndios elementares de História do Brasil que não conseguem chamar a atenção da criança em sua fase inicial para os estudos de história, uma vez que para o autor: “Nada mais fastidioso para todos os alunos dos cursos primários do que sua iniciação na História Pátria”. (COSTA, 2011, p.101). Ao criticar as minúcias exigidas pelos programas de História Costa usa como referencial teórico o pai da Escola Nova, o americano Jonh Dewey. “Dele,

acentuando a sua errônea, disse Dewey, numa conferência notável” (Ibid.). E mais:

Se encararmos a história como narração de fatos passados é bem difícil legitimar-se-lhe a presença do programa de instrução primária. O passado é o passado: é preciso deixar que os mortos enterrem os seus mortos. O presente e o futuro nos chamam com excessiva insistência para que tenhamos ousadia de imergir a criança no oceano dos fatos para sempre desaparecidos. (DEWEY apud COSTA, 2011, p.101).

O intelectual faz inúmeras críticas à metodologia empregada pelos professores que se preocupavam apenas em repetir os conteúdos sem estabelecer uma relação com a vivência dos alunos.

O interesse que o ensino deve despertar no aluno, segundo Costa, é essencial para o êxito do aprendizado. E pela concepção preconizada pela Escola Nova a aprendizagem do aluno vai depender diretamente do interesse que ele venha a ter pelos conteúdos, sendo importante nesse aspecto o papel exercido pelo professor e sua capacidade para estimular o interesse da criança (MARTINS, 2011, p.6).

Outro artigo publicado pela Revista de Ensino que merece destaque por tratar do sistema de avaliação da aprendizagem foi: “Exames e Examinadores”. Em tal artigo Craveiro debate um assunto que se não fosse levado em consideração a época em que foi escrito entre os anos de 1927 a 1931, (uma vez que durante o trabalho de recuperação da obra não foi

possível visualizar a data em que foi publicado devido ao péssimo estado de conservação dos escritos originais) nos remete ao debate atual sobre as várias formas de avaliar o aluno. Silva em “Exames e examinadores na perspectiva de Craveiro Costa” afirma que:

Craveiro ressalta no ensaio o papel de três grupos presentes no organismo escolar, bem como o funcionamento destes, que são: os examinadores, os examinados e os professores, ao mesmo tempo que estabelece uma relação entre tais grupos e a sua concepção acerca desses exames aplicados ao término de cada ano letivo. (SILVA, 2011, p. 3).

Craveiro se opõe ao formato do sistema de avaliação empregado naquele período nas escolas de Alagoas porque segundo ele: “o exame quase sempre, não é uma prova de capacidade, por ele se não afere o aproveitamento de um aluno”. (COSTA, 2011, p. 185). Para não cometer um anacronismo em relação ao termo usado a seguir, enfatiza-se que a seu modo Craveiro já se mostrava um defensor da avaliação no processo ao condenar o exame feito ao fim do ano letivo pelo examinador.

Considerações Finais

Ao relatar sobre a situação da educação em Alagoas fazendo um retrospecto histórico desde o período colonial até 1930, trabalho feito no livro “Instrução Pública e Instituições Culturais” e também quando escreve para a Revista de Ensino, Craveiro demonstra em seus escritos que estava inteirado

sobre as discussões em torno de uma nova abordagem educacional como parte do projeto republicano que visava integrar o Brasil em um plano civilizatório em que a escola deveria exercer um papel fundamental para a formação do cidadão.

No cenário político e econômico vivenciado por Craveiro em que predominava as relações do clientelismo e filhotismo político, o autor critica a organização escolar e seu papel para os setores menos favorecidos, incluindo aí o homem do campo, que trabalha nos canaviais para sobreviver, o sertanejo sofrido pelas agruras do trabalho diário e o trabalhador urbano. Segundo o autor da forma em que a escola estava organizada não tinha finalidade prática para a vida do aluno. Craveiro assim como Dewey afirma que o estudo tem que apresentar um significado prático na vida do aluno e nesse sentido a escola não tem contribuído o suficiente para a formação que o homem mais simples necessita “porque o lavrador, o artífice, o pescador, o homem das camadas populares não encontra oportunidade de utilizar o que aprendeu na escola” (Ibid., p. 55).

Referências

ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de; MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *O conceito de Escola Moderna em Craveiro Costa*. Trabalho elaborado como requisito para conclusão da disciplina Teoria, Método e Fonte II, pelo PPGE da Universidade Federal de Alagoas, 2011. Artigo cedido pelas autoras.

COSTA, João Craveiro. *Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & Outros Ensaios*. Maceió, Edufal, 2011.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Introdução ao estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. Rio de Janeiro, Eduerj, 2002.

MARTINS, Iane Campos. *Positivismo e Escolanovismo em Craveiro Costa: notas sobre o Ensino de História*. In: Congresso de História da Educação do Ceará, 2011, Juazeiro do Norte. *Discursos, Ritos e Símbolos da Educação Popular, Cívica e Religiosa*. Fortaleza: Impreco, 2011.

MATE, Cecília Hanna. *Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. Bauru, SP, Edusc. 2002.

MELO, Isaac. *O legado de Craveiro Costa ao Acre antigo*. Disponível em: <<http://almaacreana.blogspot.com>>. Acesso em: 02 de maio de 2012.

O novo diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Um discurso que deve ser lido por todos os professores do Brasil. Jornal de Alagoas, Maceió quarta-feira, 10 de janeiro de 1923 (anno XVI).

SANTOS, Dayvid de Farias; DIÓGENES, Elione Maria Nogueira. *João Craveiro Costa: Um intérprete da Educação Alagoana na primeira República Brasileira*. In Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas, V, 2010, Maceió. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/anais/> Acesso em 20 de julho de 2011.

SILVA, Elyda Cristina Oliveira da. *Exames e examinadores alagoanos dos anos de 1920 na perspectiva de Craveiro Costa*. Trabalho elaborado em prol da disciplina Teoria, Método e Fonte II, pelo PPGE da Universidade Federal de Alagoas, 2011. Artigo cedido pela autora.

SILVA, Adnilson José da. *Depreensões sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, seus principais representantes e sua base liberal*, 2004. Disponível em: www.unicentro.br/proec/pde/2turma/cursos/filosofia_da_educacao/Artigo_sobre_Escola_Nova.doc. Acesso em 20 de julho de 2011.

SILVEIRA, Paulo de Castro. *Craveiro Costa*. Maceió, Sergasa, 1983.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo, Ática, 2007.

VERÇOSA, Elcio Gusmão. *Cultura e Educação nas Alagoas: história, histórias*. Maceió, Edufal, 2006.

VILELA, Humberto. *A Escola Normal de Maceió*. Maceió, Edufal, 1982.

BREVES NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS DO CEARENSE FUNDADOR DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

Regina Cláudia Oliveira da Silva

Professora de História do Colégio Militar de Fortaleza

E-mail: reginaclaudia@gmail.com

Introdução

Gustavo Barroso, dentre muitas funções que exerceu, destacou-se como professor, museólogo, historiador, ensaísta e romancista, tendo publicado mais de uma centena de livros. Nasceu na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, em 29 de dezembro de 1888, filho de Antônio Felino Barroso (tabelião e dono de um pequeno cartório) e Ana Guilhermina Dodt Barroso (alemã, diplomada pela Escola Normal de Hamburgo), que veio para o Brasil com o pai, Gustavo Dodt, engenheiro e doutor em Filosofia pela Universidade de Iena, contratado que fora para construir pontes, estradas e linhas telegráficas no sertão do Nordeste. Por ter ficado órfão de mãe sete dias após nascer, fora criado por tias paternas solteironas, sexagenárias, e pelo pai que, em suas memórias, ele declara pilhérico, irônico, materialista e ateu convencido, contudo amigo do Bispo do Ceará. Mesmo não comprovando tão grande amor pelo genitor, demonstrou-lhe sempre grande respeito.

Esse parágrafo introdutório é apenas para traçar um conciso perfil enquanto personagem que destacaremos como aluno e personalidade pública, a partir de suas três obras au-